TL 6474

Exodo indonésio de Timor-Leste, porquê?

O jornal indonésio "Kompas" afirma em 13 de Julho que 65.000 indonésios fugiram de Dili: 50.000 partiram por autocarros, minibus, camiões et carros particulares desde 15 de Junho (numéro recolhido na estação rodoviária de Tacitolo em Dili) e mais de 15.000 foram transportados pela Companhia de Navegação Pelni durante o mês de Junho segundo dados da empresa. O movimento accelerou-se desde o início de Julho, após a visita da troika da União Europeia. Numa tentativa de o refrear a companhia de aviação Merpati annunciou no 14 de Julho que cancelava os voos a partir de Dili até ao dia 21. O numero total de imigrantes civis indonésios em Timor-Leste era estimado pelo 'Kompas' em 150.000, mais de metade terão já abandonado Timor-Leste.

Há evidentemente muitas razões para isso. O simples abrandar da repressão após a queda do ditador Suharto levou as pessoas a exprimir o que lhes ia dentro e a exigir abertamente um referendo de autodeterminação. "Com as grandes manifestações públicas, de livre vontade, sem temer represálias... o povo timorense já referendou a sua independência" escrevem missionários estrangeiros presentes em Timor. Um dos cartazes das manifestações dizia: "indonésios fora daqui". Este sentimento popular, que não faz diferenças entre civis e militares corresponde à atitude da maioria dos imigrantes chegados no encalço dos militares. O jornal Kompas ouviu alguns deles; Nazir Ali, um empregado bancário diz "Se ABRI (as forças armadas) dar ordem a todos os imigrantes para partir sairemos em massa mas enquanto ABRI ficar porquê havemos de ter medo"? Mas para muitos a conclusão foi outra: "os colonos indonésios... também se aperceberam que o referendo está feito... por isso apressaram-se a levantar o seu dinheiro (do banco), vender as suas barracas e carros e... fugir!" escrevem os missionários já citados.

Esta situação seria dificilmente evitável após 23 anos de ocupação e genocídio mas surpreende o seu caracter tão repentino e maciço. Na Indonesia a queda de Suharto foi acompanhada por violências contra a comunidade chinesa, lojas pilhadas e incendiadas, centenas de mulheres chinesas violadas, só em Jacarta terão morrido cerca de 500 pessoas. Apesar disto o êxodo dos chineses foi menor que o que se verifica em Timor onde nada de parecido aconteceu e onde as únicas vitimas foram, como pelo passado, timorenses mortos pelos militares indonésios.

Alguns depoimentos recolhidos junto de imigrantes indonésios pelo jornal Kompas podem indiciar outras razões: Um imigrante originário de

Sulawesi acusa os timorenses: "todos os dias vão ao mercado e perguntam: quando é que voltam para Sulawesi?" e à noite lançam pedras contra as casas. O jornal precisa: "grupos de jovens, aparentemente protegidos por 'ninjas' que aparecem antes deles recomendando a população para não sair de casa depois das 18 horas, e armados com arcos e flechas, facas, lanças e machetes, lançam pedras e interrogam as pessoas em tetum. Se as pessoas não respondem na mesma língua o risco é grande" (Kompas, 13/7) mas não há relato de violências que o governo se apressaria a divulgar se existissem.

Os grupos armados de arcos e lanças vêm de regiões rurais menos desenvolvidas. Quem os trouxe para Dili? Tais grupos não podem passar despercebidos num território sujeito a apertados controlos militares, policiais e de múltiplos serviços de informação. A sua acção durante a noite contrasta com a situação de cidade ocupada em que se encontra Dili e só é possível com o beneplácito dos militares que patrulham Dili à mesma hora. Alguém, do lado indonésio, estava interessado em lançar o pânico e a extremar as tensões. O bispo Belo disse desejar que um grupo independente dos governos central e regional possa averiguar quem está a aterrorizar, há muitas versões. Uma é que são as forças armadas, outra que são jovens timorenses mascarados, outra que são pessoas desempregadas (Kompas, 17/7).

"Não é preciso criar grupos para contestar as manifestações mas é preciso dialogar" diz o ex-deputado Manuel Carrascalão hoje favorável ao referendo, e que segundo o comandante militar Adam Damiri, participa num grupo de diálogo com timorenses pro-integração sob a direcção do bispo Belo. Mas tal como o constatamos nestes dias na Guiné-Bissau, as tropas estrangeiras podem ter outros interesses.

"Com a fuga dos colonos ficam os timorenses como carne para canhão... os militares organizam operações nocturnas de assalto às casas familiares... o governo indonésio ordenou caça aos jovens, estes procuram refugio nos conventos, tentam sem exito abrigar-se a sombra do bispo, ouvem-se tiros em Motael e noutros bairros da cidade onde os militares mandam apagar as luzes para mais efeito de medo" dizem membros do clero em Dili.

Enquanto o Ministro da Justiça de Jacarta anuncia a libertação de 90 presos, refugiados timorenses em Lisboa recebem notícias da prisão de familiares, antigos presos políticos. Quando o bispo Belo anunciou que o presidente Habibie lhe havia prometido uma retirada progressiva dos

militares de Timor-Leste, Ali Alatas negou que tivesse havido um acordo formal neste sentido e o comandante de quem depende Timor-Leste, Adam Damiri, rejeitava a proposta porque: "a sociedade precisa dos militares para a sua protecção e também para o desenvolvimento e a sua prosperidade"! Se Habibie e Muladi são sinceros a questão que se coloca é: quem manda em Timor-Leste? Ou mesmo: quem manda na Indonésia?

O Senado americano, a União Europeia e a própria ONU não podem contentar-se de fazer declarações sobre os direitos dos timorenses, devem tomar medidas capazes de minorar os riscos desta situação de transição como por exemplo a presença de organizações humanitárias internacionais em Timor-Leste e a presença de Xanana nas conversações sobre a solução política da questão.